



RELISE

UBERIZAÇÃO: A RELAÇÃO ENTRE INOVAÇÃO TECNOLÓGICA E PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO EM CHARGES¹

*UBERIZATION: THE RELATIONSHIP BETWEEN TECHNOLOGICAL
INNOVATION AND PRECARIOUS WORK IN CHARGES*

Pâmela Karolina Dias²

Nelson da Cruz Monteiro Fernandes³

Ítalo da Silva⁴

RESUMO

Objetivamos analisar como a inovação tecnológica relaciona-se com a precarização do trabalho à luz de charges sobre a uberização do trabalho. Nos aprofundamos na literatura sobre inovação tecnológica, precarização do trabalho e uberização a fim de entendermos como a uberização materializa a relação teórica. O método utilizado na pesquisa foi a Metodologia de Análise Sociológica Discursivo-imagética (ASDI) que possibilitou analisarmos as charges de maneira contextualizada e sistematizada. As fontes de dados são secundárias e localizadas no *Google imagens*. Ao total foram analisadas dez charges que se relacionam diretamente com a temática da uberização. A partir da ASDI discutimos dois eixos reflexivos: (1) como as mudanças nas relações de trabalho e o discurso de empreendedorismo é estimulado mediante o fenômeno da uberização e (2) como a uberização configura a precarização das relações de trabalho e abre precedentes para reconfigurar o mercado trabalhista. Ao final, refletimos o papel da inovação tecnológica neste cenário de uberização e flexibilização do trabalho.

Palavras-chave: inovação tecnológica, uberização, flexibilização do trabalho, precarização do trabalho.

¹ Recebido em 31/10/2021. Aprovado em 23/02/2022.

² Universidade Federal de Pernambuco. pamela_dias2009@hotmail.com

³ Universidade Federal de Pernambuco. nelson.fernandes@ufpe.br

⁴ Universidade Federal de Pernambuco. italo.freitas@ufpe.br



RELISE

57

ABSTRACT

We aimed to analyze how technological innovation relates to labor precarization in light of charges about the uberization of labor. We delved into the literature on technological innovation, labor precarization, and uberization in order to understand how uberization materializes the theoretical relationship. The method used in the research was the Sociological Discourse Analysis Methodology (SDA), which allowed us to analyze the cartoons in a contextualized and systematized way. The data sources are secondary and located in Google images. In total, ten cartoons that relate directly to the theme of uberization were analyzed. From the ASDI we discussed two reflexive axes: (1) how changes in labor relations and the discourse of entrepreneurship is stimulated through the phenomenon of uberization and (2) how uberization configures the precarization of labor relations and sets precedents to reconfigure the labor market. In the end, we reflect on the role of technological innovation in this scenario of uberization and flexibilization of work.

Keywords: technological innovation, uberization, flexibility of work, precarization of work.

INTRODUÇÃO

Para entendermos sobre inovação é necessário historicizar o conceito. Voltamos alguns séculos para entender todo seu processo histórico e qual o âmago da inovação tecnológica para além do senso comum. Dessa maneira, Godin (2017) afirma que toda a construção histórica acerca do conceito da inovação é perpassada por uma característica presente até os dias atuais. Esta característica se refere ao fato de que seja na Antiga Grécia, onde teve sua origem, ou no século XXI, a inovação e tudo que ela representa, foi e ainda é alvo de questionamentos e discussões na sociedade. Em outros termos, não se tem uma consonância quanto ao conceito de inovação.

O marco teórico da inovação é antes do século XX, quando ser inovador ou fazer inovação não era bem quisto socialmente, carregava uma conotação negativa e eram perseguidos pela Igreja Católica e reis, ao passo que ao longo



RELISE

58

da história “o conceito de inovação mudou gradualmente ao longo de 200 anos” (GODIN, 2017, p. 25) porque somente no século XX, após a Segunda Guerra Mundial, a inovação passa por uma ressignificação, e governos e organizações criam planos e estratégias de implementação da inovação. A ressignificação se dá não porque a inovação perde seu aspecto político, mas porque se soma a ela o aspecto econômico. No contexto social do século XXI, parece inconcebível pensar que a inovação em outro tempo e espaço foi renegada, visto que se valer hoje de termos como inovação e criatividade está relacionado a desenvolvimento e produtividade (GODIN, 2017).

O que mudou na linha temporal da Grécia Antiga ao século XXI foram os valores atribuídos à inovação. No século XVII e XVIII, a inovação era vista como maléfica para sociedade, ao passo que no século XIX como benéfica para o desenvolvimento econômico com um novo entendimento da sua aplicabilidade, devido à produção de conhecimento desenvolvido nessa época. No tempo do domínio da Igreja Católica era proibida a menção e a prática da inovação, pois existia um entendimento, e, até mesmo pressão, por parte das lideranças e dos que detinham poder institucionalizado para banir a circulação do conceito e consequentemente, a prática. Isso porque, acreditava-se que ser inovador/a era transgredir as regras sociais e o poder/saber hegemônico da Igreja sobre a Europa. Desse modo a inovação era repugnada pelos que temiam a mudança no contexto mencionado acima (GODIN, 2017; PAIVA, 2018).

No contexto atual, percebemos também uma pressão em torno da inovação, como ocorreu no passado, mas liderada por outros personagens e intencionalidades. Podemos dizer que a imposição pela e para inovação perante as instituições, organizações e relações perpassa o âmbito público e privado. Assim, entendemos que a inovação está presente na sociedade há bastante tempo, a principal mudança foi a relação estabelecida com ela, antes de abominação e no contexto atual de adoração, na qual a inovação passou a ser



RELISE

59

uma ferramenta para o progresso econômico da sociedade (SCHUMPETER, 1957). Em vista disso, o conceito de inovação primeiro foi entendido como substantivo, posteriormente como ação e atualmente como processo (GODIN, 2017).

Relatar sobre o processo histórico e conceitual da inovação é importante para compreendermos como se constituiu o cenário atual e para localizar o entendimento da inovação tecnológica como processo que atualmente está em voga, ou seja, como ação prática, interligada e globalizada (GLÜCKLER; BATHELT, 2017; DOUGHERTY, 2017; ANDRÉ; SILVA; NASCIMENTO, 2019). A inovação tecnológica está introduzida no dia a dia que, por vezes, isso não é percebido. Essa inserção cotidiana da inovação tecnológica, muitas vezes não racionalizada por parecer tão habitual e normal, acontece por meio do design que desenvolve a interface (designer) do produto para que o usuário se sinta familiarizado com ele (LE MASSON; HATCHUEL; WEIL, 2017) como também, foi inserida no âmbito do trabalho. Na década de 80, tanto a inovação aplicada à tecnologia, quanto nos processos de gestão, ocasionou novas formas de relações de trabalho (ANDRÉ; SILVA; NASCIMENTO, 2019).

As mudanças nas relações de trabalho têm sido percebidas a partir da expansão do capitalismo atrelado às inovações tecnológicas introduzidas em novas formas de trabalho, como tem sugerido Fontes (2017). A relação de análise que estamos propondo é perceber como tais tecnologias são introduzidas nas formas de trabalho, agindo como maneira de precarizá-lo. Em especial, no contexto brasileiro, Souza e Meinberg (2020) afirmam que o processo de precarização do trabalho e a ampliação da taxa de desocupação têm resultado em uma renda familiar mais baixa, ao mesmo tempo que a acumulação de capital avança em estágio estrutural nas forças produtivas. Franco e Ferraz (2019) têm sugerido que há um esforço concentrado na reestruturação do capital em rebaixar o custo da força de trabalho, o que tem



RELISE

60

evidenciado em diferentes formas de terceirização e desregulamentação da relação trabalho-capital. Para os autores, a reforma trabalhista que ocorreu no contexto das relações de trabalho no Brasil, em 2017, por exemplo, trouxe novas formas de precarizar o trabalho.

Uma dessas novas formas de trabalho precário que se fundamenta por intermédio da inovação tecnológica é a “uberização”. Quando falamos na uberização ser uma nova forma de trabalho não estamos nos referindo somente a plataforma na qual acontece, mas principalmente como isto impacta também em outras formas de gestão e de trabalho porque “estão em jogo novas formas de gerenciamento, controle e vigilância do trabalho, por meio das programações algorítmicas” (ABILIO, 2019, p. 2). O termo uberização se dá em referência ao aplicativo Uber, um dos mais popularizados do segmento de aplicativos, criado em 2008 nos Estados Unidos da América (EUA), mas o aplicativo só chegou ao Brasil em 2014 (KRAMER, 2017; FRANCO; FERRAZ 2019; SOUSA; MEINBERG, 2020).

O termo uberização não se restringe apenas ao aplicativo Uber, mas engloba outros aplicativos/trabalhos que agem sobre a mesma lógica e estrutura, ou seja, são plataformas que fazem a ponte entre o consumidor/cliente e restaurantes/lojas, por exemplo, usando apenas um smartphone com acesso à internet. Essa ponte acontece por meio de motoristas, motociclistas e ciclistas cadastrados nas plataformas (VIANNA; MOURA; CALDERARI, 2018; ANDRÉ; SILVA; NASCIMENTO, 2019; FRANCO; FERRAZ, 2019). Bem como, a precarização da uberização do trabalho alcança também outras profissões, a exemplo, de uma das profissões mais antigas como a docência (VENCO, 2019; OLIVEIRA; DEL PINO; ACCORSSI, 2021).

A Uber atua como ponte entre o usuário do aplicativo (passageiro) e o motorista cadastrado, mas isso não configura algum tipo de contrato ou relação institucional entre ambos (SOUSA; MEINBERG, 2020). Cabe ao usuário também



RELISE

a “gerência” do serviço por intermédio da sua avaliação do/a motorista ou ciclista no aplicativo e o/a trabalhador/a uberizado/a cabe o papel de “autogerente-subordinado”, isso porque os/as trabalhadores/as uberizados/as possuem uma falsa autonomia e um real controle por parte das plataformas sobre como desenvolvem seu trabalho (ABILIO, 2019, p. 2).

O sucesso da Uber ocorreu pelas vantagens relacionadas diretamente aos usuários: (1) preço competitivo das corridas (viagens); (2) os usuários do aplicativo conseguem monitorar o trajeto percorrido pelo motorista; (3) os usuários podem efetuar o pagamento de diversas formas (cartão, dinheiro e cash), sendo que o usuário efetua o pagamento para a Uber e ela realiza o pagamento ao motorista (SOUSA; MEINBERG, 2020), e (4) por fim, a plataforma Uber absorveu diversas pessoas desempregadas que viram na plataforma uma saída para a crise econômica ou como forma de complementar a renda. E, são os motoristas/ciclistas os responsáveis também “pelos principais meios de produção das atividades produtiva” (FRANCO; FERRAZ, 2019, p. 844) ou seja, são eles/as que devem possuir o carro/moto/bicicleta para o transporte e entrega, assim como, pelas bags (bolsas térmicas) no caso de aplicativos de delivery.

A uberização tem fomentado discursos divergentes. De um lado o discurso econômico neoliberal acredita que a uberização do trabalho pode ser a saída para o desemprego e vendem a ideia do/a motorista/ciclista/entregador/a como empreendedor/a e da autogestão do tempo e rendimento como pontos positivos (SOUSA; MEINBERG, 2020), e encontram no aglomerado de desempregados/as que até o segundo trimestre de 2021 estava em 14,4 milhões de pessoas e 5,6 milhões de desalentados segundo o IBGE (2021) terra fértil para seu discurso. Enquanto, outra corrente considera que a uberização não configura como solução, pois entende que este trabalho é precário no sentido que fragiliza o trabalhador uberizado credenciados às plataformas.



RELISE

62

Desse contexto, esta pesquisa se mostra relevante para o campo dos Estudos Organizacionais (EOR) e para a sociedade. Isso fica evidente quando observamos ainda lacunas na literatura sobre a uberização porque “a uberização é um fenômeno novo, e por isso, a reflexão sobre o que significa e seus impactos ainda é incipiente” (CASAGRANDE; ZAMORA; OVIEDO, 2021, p. 18). A inovação tem sido entendida com o viés positivo, mas nem sempre as inovações tecnológicas têm sido benignas para sociedade, isso porque “o importante é que o valor da inovação não é universal, mas seu valor é estabelecido no contexto” (PRATT, 2017, p. 1), ou pelo menos para parte dela. Diante disso, objetivamos olhar para a relação entre a inovação tecnológica e a precarização do trabalho a partir do fenômeno da uberização materializado em charges. Para isso, analisamos dez charges que se relacionam com a temática da uberização a partir da metodologia de análise sociológica discursivo-imagética proposta por Godoi e Uchôa (2019), evidenciando a importância de analisarmos as imagens também como discursos que auxiliam na compreensão da relação proposta.

UBERIZAÇÃO COMO PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO

As novas tecnologias derivadas das inovações digitais têm alterado as formas de relações de trabalho de maneira significativa. Nosso entendimento é que “o trabalho mudou nos últimos anos e as transformações na sua organização e na sociedade ainda estão em curso”, como explicaram Casagrande, Zamora e Oviedo (2021, p. 3). Essas mudanças têm causado impactos em novas formas de subjetividades de controle do trabalho que a literatura vem denominando de “Uberização” (FONTES, 2017; FRANCO; FERRAZ, 2019; CASAGRANDE; ZAMORA; OVIEDO, 2021). Fontes (2017) tem argumentado que o trabalho construído na subordinação ao capital tem ausentado contratos que assegurem direitos aos trabalhadores e capturado o valor gerado para a estrutura capitalista. As alterações contratuais e o surgimento de relações de trabalhos com outras



RELISE

configurações têm sugerido novas análises das organizações produtivas do capital.

Neste artigo, entendemos o trabalho como atividade dentro da lógica de produção que caracteriza o indivíduo em sua natureza humana, naquilo que Franco e Ferraz (2019, p. 845) chamaram de “categoria ontológica” que “reproduz sua existência e interage com a natureza, da qual ele próprio é parte constituinte”. As inovações tecnológicas entram neste contexto como formas de organização e gestão do trabalho que podem englobar as esferas de mudanças a partir da flexibilização e precarização das relações trabalhistas. De acordo com Druck (2002), a flexibilização do trabalho é um fenômeno que acontece globalmente decorrente da descentralização das indústrias, visto que o segmento industrial é responsável por empregar muita mão de obra. Os efeitos da flexibilização podem ser percebidos pelo número crescente de funcionários terceirizados, da informalidade, nos subempregos, autônomos e outras maneiras de compartilhamento. A relação de trabalho que se reinventou sob o capital a partir do controle e organização do trabalho pela uberização tem se mostrado uma forma de precarização e flexibilização das garantias trabalhistas.

Por precarização, entendemos o aprofundamento da relação de trabalho considerando que as organizações visam o máximo de lucro ao mínimo de custo e com a crescente inovação tecnológica, novas configurações de trabalho se sobressaem (DRUCK, 2002). A uberização é aqui entendida como uma nova forma de organização do trabalho adotada em diferentes segmentos da atividade econômica. Casagrande, Zamora e Oviedo (2021) pontuam que a uberização é uma forma de organização laboral desenvolvida pela empresa Uber que se popularizou quando se estendeu para outros ramos de serviços como limpeza, cuidado com animais, logística, ou seja, além dos serviços de entrega e de viagens automotivas.



RELISE

Alguns termos surgem na literatura como tentativa de explicar o fenômeno da uberização. “Economia de plataforma”, “economia compartilhada”, “economia colaborativa” e “*work on demand*”, por exemplo, são termos recorrentes (FONTES, 2017; FRANCO; FERRAZ, 2019; SOUSA; MEINBERG, 2020). Kramer (2017) afirma que a ideia de economia compartilhada, no qual em sua maioria os jovens são os principais usuários, possui em seus propósitos benefícios socioambientais, visto que o princípio da economia compartilhada é reduzir ao máximo o custo de produção, de matérias-primas e impacto na sociedade, ao mesmo tempo em que este produto/serviço pode ser utilizado pelo maior número de pessoas. Quando a economia compartilhada é utilizada por algumas organizações que não atendem a esses princípios, serve como mecanismo para precarização do trabalho (LAZZARESCHI, 2015; KRAMER, 2017).

É neste sentido que empresas cujo termo da uberização engloba, utilizam-se do discurso da economia compartilhada, quando em certa medida se contradizem, pois, ao não assumirem o risco da atividade, por exemplo, estão precarizando as relações de trabalho. Esse não é um caso isolado da Uber, outras organizações de “novos serviços” também se apropriam da lógica da economia compartilhada para ter acesso à mão de obra barata, sem vínculo empregatício e, portanto, ausente de responsabilidades que seriam inerentes ao vínculo de emprego formalizado (LAZZARESCHI, 2015; KRAMER, 2017). É importante destacar que a associação da uberização como parte de uma economia compartilhada, não é unanimidade, Franco e Ferraz (2019, p. 849) entendem que “a uberização não consiste em compartilhar um objeto, um espaço ou uma troca de serviços, mas a própria venda da força de trabalho”.

Em perspectiva similar, Fontes (2017) entende que o conceito de “economia colaborativa” faz parte do discurso empresarial e disseminado em propagandas midiáticas que reduz o entendimento das relações de trabalho



RELISE

dentro da lógica de “tecnologias”, “bem imateriais” e “maquininha de plataforma”, ignorando os aspectos de produção de valor e mais-valia. Para Sousa e Meinberg (2020), o estímulo legal à flexibilização do trabalho, nos termos da uberização, não tem demonstrado o aumento das posições de trabalho e melhoria no crescimento econômico, o que parece ser um discurso ilusório.

Outro discurso que povoa o imaginário social e trabalhista a partir das novas formas de precarização e flexibilização do trabalho é o empreendedorismo. Casagrande, Zamora e Oviedo (2021) afirma que o interesse sobre o empreendedorismo enquanto discurso está relacionado às políticas neoliberais crescentes desde a década de 1990. Tais estímulos ao empreendedorismo, têm argumentado Fontes (2017), é resultado de processos jurídicos atuantes sobre a relação capital-trabalho que estão esvaziando os direitos adquiridos aos trabalhadores com o discurso encantador de “proprietário” da força de trabalho e de seus meios de produção, ligando autonomia de horário de trabalho à precarização do tempo trabalhado. Perceber essa distorção do discurso empreendedor é a tarefa que teóricos críticos das novas relações de trabalho vêm tentando evidenciar. Essa é uma tarefa que também propomos evidenciar neste artigo.

Sousa e Meinberg (2020, p. 114) usam o termo de “ideologia do empreendedorismo” para demarcar o processo de “desestruturação do mercado de trabalho” diante da subordinação do trabalhador individual visto como empreendedor quando se aliena a ordem de gerência e eficiência do mercado competitivo. Portanto, “a organização do trabalho uberizada flexibiliza ao extremo a disposição do trabalhador” (CASAGRANDE; ZAMORA; OVIEDO, 2021, p. 6). Assim, quando se busca entender quem é este trabalhador precarizado, Antunes (2011, p. 408) nos diz que ele pode ser entendido como “trabalhadores informais tradicionais” e dentro deste grupo de trabalhadores, existem os menos instáveis e os mais instáveis. Os menos instáveis são os que



RELISE

66

detêm de alguma forma profissionalização e acesso aos meios de trabalho, enquanto os mais instáveis não possuem esta condição, assim mais fragilizados e passíveis do trabalho terceirizado e remunerado por produção.

Ainda nesse recorte, existem os trabalhadores que entendem que este trabalho informal e precarizado será apenas um complemento da renda, ou como única fonte de renda momentânea em vista do desemprego, estado que se nomeia como ocasional, no entanto, por vezes esse cenário vem a se tornar permanente (ALVES; TAVARES, 2006). Assim, o argumento contundente de Casagrande, Zamora e Oviedo (2021, p. 15) é importante para evidenciar que “o motorista do Uber não é empreendedor [...] ele é um trabalhador precário, com flexibilidade de tempo e gerência automatizada”. Em complemento, Sousa e Meinberg (2020) afirmam que a tecnologia em si não é a responsável pela precarização das relações de trabalho, mas sim a forma como essa ferramenta é utilizada para propagar ideologias econômicas liberais na justificação de criar novas modalidades de trabalho. Portanto, entendemos que o discurso empreendedor como a flexibilidade dos direitos trabalhistas que ele sustenta, culminam na precarização do trabalho (ANTUNES, 2011).

PERCURSO METODOLÓGICO

Neste artigo, buscamos olhar para a relação entre a inovação tecnológica e a precarização do trabalho a partir do fenômeno da uberização materializado em charges. A escolha por charges se deu por três critérios: a) a charge é um registro histórico do seu tempo (contexto sociocultural) diário quando nos referimos a jornais, por exemplo; b) a charge é uma comunicação tanto visual como também textual que nos permite realizar a análise sociológica do discurso-imagética e, por fim, c) a charge nos permite analisar em relação as diversas intencionalidades de quem a produziu e de quem veiculou.



RELISE

67

Para atender esse propósito optamos por analisar charges sobre a temática de uberização. A seleção das charges se deu pelo seguinte critério: (a) a imagem está coerente com a relação teórica evidenciada nesta pesquisa, em outras palavras, retratar em algum aspecto o fenômeno da uberização; (b) a charge precisava ter uma fonte na qual fosse possível referenciá-la; e (c) por fim, que a busca não seria em um site de jornal ou revista específica porque buscamos atrair uma diversidade de vieses e interpretações sobre o tema.

Desse modo, utilizamos o site do Google Imagens e na busca utilizamos a palavra-chave “uberização”. Ao todo, foram selecionadas dez charges em coerência com os critérios definidos acima. Nesta pesquisa, utilizamos dados secundários, logo, as imagens foram idealizadas por outros/as com outra intencionalidade, objetivo e finalidade (CASTRO, 2006). Ao analisarmos as charges, precisamos considerar as intenções por trás de sua criação, qual a mensagem/informação/reflexão que se propõem a transmitir, bem como qual a interpretação dada pelo autor/a da charge sobre determinado fenômeno social (GODOI; UCHÔA, 2019). Por isso, não caracterizamos que uma charge “possui vários sentidos, mas que seu sentido explícito cria classes de correspondências que permitem múltiplas interpretações. Essa característica é fruto da relação existente entre a imagem, o objeto e o observador” (MENDONÇA; BARBOSA; DURÃO, 2002, p. 67).

Utilizamos da metodologia de análise sociológica do discurso-imagética (ASDI), proposta por Godoi e Uchôa (2019) que identificaram nos Estudos Organizacionais (EOR) a ausência de uma metodologia que auxiliasse a pesquisadores/as analisar imagens de maneira sistematizada e profunda, e superar as interpretações comuns que apenas evidenciam as descrições da e ignoram outras dimensões de análises (GODOI; UCHÔA, 2019). Os referidos autores organizam em quatro etapas o percurso metodológico e afirmam a importância/liberdade dos/as pesquisadores/as qualitativos têm em seu uso. Dito



RELISE

de outra maneira, a ASDI não é rígida e fixa o que possibilita adaptações como realizamos neste artigo.

As quatro etapas da ASDI são: na primeira etapa os Trabalhos Iniciais da Metodologia de Análise Sociológica Discursivo-Imagética: anotações de campo do pesquisador e preparação da análise da imagem em si; na segunda etapa os Procedimentos de Interpretação da Metodologia de Análise Sociológica Discursivo-Imagética: conjectura pré-analíticas discursivo-imagética e estilos discursivo-imagético; na terceira etapa Procedimentos de Análise da Metodologia de Análise Sociológica Discursivo-Imagética: posicionamento discursivo-imagético, configurações narrativas discursivo-imagéticas, espaços semânticos discursivo-imagéticos e relação entre configurações narrativas e espaços semânticos; por fim, na quarta etapa Procedimentos Complementares da Metodologia de Análise Sociológica Discursivo-Imagética: análise das condensações, análise dos deslocamentos e utilização de representações gráficas (GODOI; UCHÔA, 2019, p. 786-788).

Destacamos algumas das perguntas que os autores mencionados sugerem na segunda etapa, mais precisamente, no ponto sobre o posicionamento discursivo-imagético, quando dizem que precisamos responder diante das imagens, ou das charges no caso nesta pesquisa: “Quem, Quando, Para Que, Por que, Para quem? a imagem foi gerada. Qual a intencionalidade da imagem?” (GODOI; UCHÔA, 2019, p. 787). São indagações que nos levam a refletir não apenas charge “como discurso”, mas também para que olhemos o tempo e espaço (contexto social) na qual está inserida porque não há deslocamento e neutralidade. Assim, utilizamos da ASDI para analisarmos e discutirmos de maneira contextualizada e implicada. No quadro 1, podem ser observadas as dez charges analisadas.

Em relação à análise, a partir da ASDI, identificamos as etapas que dialogavam com o objetivo da pesquisa e selecionamos as seguintes: i)



RELISE

preparação da análise da imagem em si, ii) estilos discursivo-imagéticos, iii) posicionamento discursivo-imagético, iv) configurações narrativas discursivo-imagéticas e v) espaços semânticos discursivo-imagético. E, diante disso, cada charge foi analisada por meio da orientação observada em Godoi e Uchôa (2019). O resultado da análise pode ser melhor observado no quadro 2, quando alinhamos a descrição dos elementos verbais e não verbais das charges para compreender como a relação entre a inovação tecnológica e a precarização do trabalho pode ser notada mediante o fenômeno da uberização.

Quadro 1 - Charges sobre Uberização

Nº 1	Nº 2
 <p data-bbox="379 1290 644 1323">Fonte: Firmino (2018)</p>	 <p data-bbox="954 1290 1203 1323">Fonte: Linhart (2017)</p>
Nº 3	Nº 4
 <p data-bbox="379 1688 644 1722">Fonte: Teixeira (2019)</p>	 <p data-bbox="954 1688 1203 1722">Fonte: Lucena (2019)</p>



RELISE

70

Quadro 1 - Charges sobre Uberização (continuação)

Nº 5	Nº 6
<p>Fonte: Toni D'Agostino (2020)</p>	<p>Fonte: Galvão (2019)</p>
Nº 7	Nº 8
<p>Fonte: Latuff (2019)</p>	<p>Fonte: Toni D'Agostino (2020)</p>
Nº 9	Nº 10
<p>Fonte: Zé Dassilva (2020)</p>	<p>Fonte: Arte Claudius (2019)</p>

Fonte: Elaborado pelos autores (2021).



RELISE

71

ANÁLISE SOCIOLÓGICA DISCURSIVO-IMAGÉTICA DA UBERIZAÇÃO

A discussão aqui proposta, ao olhar para a relação entre a inovação tecnológica e a precarização do trabalho a partir do fenômeno da uberização, pretende evidenciar dois pontos invisibilizados que se complementam. Com a análise das charges, nossa discussão se estende a compreender: (1) como as mudanças nas relações de trabalho e o discurso de empreendedorismo é estimulado mediante o fenômeno da uberização e (2) como a uberização configura a precarização das relações de trabalho e abre precedentes para reconfigurar o mercado trabalhista.

Entendemos que esses dois pontos se relacionam em uma análise mais holística das novas configurações de trabalho e a inserção das inovações tecnológicas. As charges de número 2, 3, 5 e 8 são representações críticas do ponto inicial de análise: o discurso vazio do empreendedorismo. O “empreendedor” é o termo usado para se referir ao trabalhador uberizado mediante o ganho de autonomia referente à jornada de trabalho, à ausência do empregador-patrão e à percepção de trabalhador como proprietário das ferramentas materiais de trabalho.

Essa visão de empreendedorismo colocada é a crítica central das charges. Por exemplo, a charge 2 faz uma crítica à ausência da relação hierárquica entre empregador-patrão versus trabalhador. Tal crítica também acontece na charge 3. Para Casagrande, Zamora e Oviedo (2021), o discurso do empreendedorismo é crescente como forma de consolidação do projeto político neoliberal nas últimas décadas. Segundo os autores, parte deste projeto age na naturalização dos padrões das relações de trabalho, sofisticando o discurso e as ações concretas que mexem com o imaginário de governantes, ativistas, acadêmicos, em suma, a sociedade como um todo.

Por mais que exista a aparente ilusão de liberdade quanto à hierarquia entre capital versus trabalho, a existência desta relação continua a persistir em



RELISE

72

níveis nebulosos de ação. A poltrona com o senhor sobre o veículo na charge 2 e o cabresto que puxa a carroça na charge 3 são usados com formas de representar a hierarquia da relação de trabalho uberizado. Para Fontes (2017), o controle das empresas que inovaram nos modelos de relações de trabalho está nos recursos sociais de produção, e não necessariamente nos meios materiais de produção como o automóvel e o celular no caso da Uber.

Assim, ter a posse e o controle dos meios materiais de produção parece induzir os trabalhadores uberizados a acreditar serem empreendedores. Essa indução pode ser reflexo daquilo que Plonski (2005, p. 27) chamou de “encantamento” diante de uma inovação, sendo avaliada com mais ênfase o lado benéfico e positivo dos impactos causados pelas mudanças que a inovação acarreta.

O vislumbre pelo lado positivo associado à inovação é percebido quando o valor econômico é mais valorizado e difundido socialmente, o que em determinado contexto sociocultural a inovação é vista como um ganho para a sociedade. Godin (2017) argumenta que essa mudança de percepção é mais recente, e está datada desde o início do século XX. Desse modo, a uberização do trabalho pode ser vista como mudanças tecnológicas que implicaram em alterações nas configurações de trabalho, sendo o ganho positivo das mudanças exaltadas no discurso do empreendedorismo. As charges 5 e 8 tem no título uma crítica a tal discurso.

É importante pontuar também o que Sousa e Meinberg (2020, p. 177) bem argumentaram, quando afirmaram que “a precarização em si não é causada pela tecnologia, mas a tecnologia é utilizada como ferramenta”, modificando a visão sobre a economia e o mercado de trabalho para (re)criar modalidades ou formas de exercer a atividade laboral. É neste sentido que a uberização do trabalho pode ser vista como uma ação estratégica intensificadora da



RELISE

precarização do trabalho, e não necessariamente como a precursora de tais mudanças.

A situação dos ciclistas e motociclistas atrelada ao discurso empreendedor retratadas principalmente nas charges 3, 5 e 8, por exemplo, já existiam antes dos aplicativos como Loggi, Rappi, iFood e Uber Eats. Entretanto, como argumentam Sousa e Meinberg (2020), a condição desses trabalhadores era de participação de trabalho formal regidas na Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT) no contexto brasileiro. O que se altera quando o discurso de empreendedor ganha força.

Com isso, ser “o próprio patrão” é associado à autonomia da escolha das horas a serem trabalhadas e a possuir o controle material das ferramentas de trabalho. Mesmo que tal autonomia e controle seja restrita à esfera de valor de uso que é depreciada com o tempo. Como Fontes (2017) afirmou, as empresas de aplicativo atuam na relação capital versus trabalho como controladora de recursos sociais do trabalho produtivo, fazendo uso do algoritmo para intensificar o intercâmbio entre plataformas de tecnologia e distribuição de trabalho. Já Casagrande, Zamora e Oviedo (2021, p. 17) enxergam a indefinição da jornada de trabalho como o “sonho toyotista do trabalhador just-in-time”. Dessa maneira, os trabalhadores que se veem autônomos definindo suas horas de trabalho, na verdade, estão se colocando à disposição das empresas de aplicativos como sempre disponíveis para o trabalho. Disso, as empresas fazem uso dos algoritmos para manter grupos de trabalhadores ativos por horários de serviço a ser prestado. Em adição a isso, a remuneração do trabalho acontece de acordo com as horas de trabalho prestadas.

“A força de trabalho só é remunerada enquanto o trabalho é realizado”, colocam Casagrande, Zamora e Oviedo (2021, p. 17). A eficiência e a lucratividade das empresas nesta economia de plataforma são intensificadas. Entre ofertas e demandas de serviços, o pagamento sob demanda de trabalho



RELISE

efetuado, a negação de vínculo empregatício e a dispensa de obtenção dos meios materiais de produção são características que sustentam o modelo de uberização do trabalho. Essas características são trabalhadas nas charges, evidenciando o tom crítico sobre as relações de trabalho uberizada. Sousa e Meinberg (2020) reiteram que essa maneira de organização do trabalho tem eximido as empresas de arcar com os direitos trabalhistas e oferecer condições adequadas de trabalho. As condições materiais de trabalho são uma ausência percebida pelos trabalhadores que precisam prover os meios físicos necessários para continuar executando atividade laboral.

Assim, o trabalhador uberizado está em estado de oposição com o trabalhador regido pelas garantias da CLT - quando se fala de garantias de seguridade social e proteção material e trabalhista. Casagrande, Zamora e Oviedo (2021) afirmam que o processo de empreendedorismo enquanto discurso sobre o trabalhador uberizado é reflexo da faceta típica da precarização do trabalho que nada reflete de fato em condições de empreender e ser empreendedor. Assim, concordamos com Souza e Meinberg (2020) que o processo de uberização das relações de trabalho é envolto pela ideologia do empreendedorismo que atua duplamente nas configurações do mercado de trabalho: (1) com a flexibilização das normas trabalhistas que respaldam o direito dos trabalhadores; ao mesmo tempo que (2) faz uso da desconfiguração do trabalho para utilizar a insatisfação do trabalhador na relação capital e trabalho, deixando nebulosa as facetas das assimetrias existentes entre detentor do capital e vendedor da força de trabalho.

Desse modo, é diante desses entraves que configuram as relações de trabalho a partir da introdução das inovações tecnológicas que entendemos o chamado neoliberal do trabalhador a ser "empreendedor individual" com um discurso vazio e sem fundamentação. As charges corroboram com a crítica a esse discurso. Portanto, "o motorista da Uber não é empreendedor", como



RELISE

75

argumentam Casagrande, Zamora e Oviedo (2021, p. 15), sendo na verdade "um trabalhador precário, com flexibilidade de tempo e gerência automatizada". Essa argumentação é importante para clarear como a uberização do trabalho atua na esfera concreta da atividade produtiva dentro do sistema capitalista, ao passo que atua na dimensão simbólica e discursiva do imaginário popular.

Diante do segundo eixo reflexivo: como a uberização configura a precarização das relações de trabalho e abre precedentes para reconfigurar o mercado trabalhista, observamos, principalmente nas charges 5, 6, 7, 9 e 10 retratos de como a precarização se materializa no cotidiano. Quando a charge 5 o personagem narra que “eu não durmo” está sendo informado ali como a dinâmica de trabalho uberizado fragiliza o trabalhador. Essas fragilidades podem ser compreendidas e adicionadas a outras fragilidades como: “sem possuir adicional noturno, horas-extras, décimo terceiro salário, férias remuneradas e, muito menos, seguro-desemprego. Quando o trabalhador é desligado da plataforma, a desvinculação acontece sem qualquer aviso prévio. É como se o trabalhador nunca tivesse ali existido” (CASAGRANDE; ZAMORA; OVIEDO, 2021, p. 6).

Na charge 6, observamos a uberização como precarização do trabalho a partir do trabalho informal e infantil, apesar de outros segmentos do mundo do trabalho também serem marcados pela informalidade e a presença de menores de idade, na uberização encontra-se um cenário no qual a fiscalização e legislação não consegue visualizar o que facilita a informalidade e precarização. A criança na charge é muito emblemática e pode ser também interpretada como os jovens que encontram na uberização “uma porta de entrada” para o mercado de trabalho devido a exigência de se cadastrarem na plataforma e adquirirem por conta própria os insumos e ferramentas a exemplo da bicicleta, celular, internet e bag (CASAGRANDE; ZAMORA; OVIEDO, 2021).



RELISE

76

Nesse sentido, o autogerenciamento no qual os motoristas do aplicativo estão expostos cabe a eles todo o risco da atividade. André, Silva e Nascimento (2019, p. 28) apontam que “a empresa [Uber] também não auxilia nos custos que os motoristas arcam para realizar o seu trabalho, e são estes custos que fazem os seus ganhos serem ainda menores, posto que são os motoristas os responsáveis por todas as despesas inerentes à atividade” além disso, também fazem exigências em relação a vestimenta do motorista. E, isso foi acentuado pelo alto índice de desempregados no Brasil e pelo discurso liberal na qual intencionaram vestir a uberização. O discurso liberal com o qual os trabalhadores foram imersos vende a uberização como possibilidade de liberdade, autogerenciamento e meritocrático. Mas, no cotidiano, esta liberdade se reveste de mecanismos de controle e punição caso o trabalhador uberizado se recuse a seguir as regras e exigências (ANDRÉ; SILVA; NASCIMENTO, 2019; ALVES; TAVARES, 2006). E, assim, o trabalhador uberizado é controlado pelo aplicativo em uma ponta e pelo usuário na outra mediante sua avaliação do serviço (ABILIO, 2019).

Cabe dizermos que a flexibilidade e precarização do trabalho não advém da Uber e tão pouco começou a ser refletido e discutido sobre a partir da uberização, mas a inovação tecnológica e a uberização veio aprofundar antigas questões ao passo que também trouxe à tona novas especificidades, impasses e tensões. A exemplo da legislação brasileira que não acompanhou o processo de uberização do trabalho. Colocado de outra maneira, as leis de proteção aos trabalhadores não andaram no mesmo ritmo das diversas facetas da inovação tecnológica. Um exemplo disso se dá na narrativa utilizada pela Uber ao afirmar não ser nesta relação a contratante, visto que são os próprios motoristas (trabalhadores) que buscam a plataforma.

Esta afirmação é contestada quando observamos que as “regras do jogo” são estabelecidas pela Uber e outras organizações que atuam como a



RELISE

77

uberização. As regras do jogo são na verdade o que a parte contratante/empregador exerce no mundo do trabalho, como, por exemplo: (1) a quantidade de corridas ofertadas para cada motorista registrado; (2) a vestimenta que deve-se utilizar; (3) a localidade para qual se destina a entrega ou destino final da chamada; (4) a avaliação do motorista que é dada pelo usuário; e (5) a forma de pagamento que também é escolhida pelo usuário. E, qualquer não cumprimento desses requisitos é passível de ser desconectado da plataforma (KRAMER, 2017).

Desse modo, observamos na charge 7 como o autogerenciamento dos trabalhadores uberizados pode acontecer no dia a dia, visto que observamos o entregador controlando o tempo para cumprir o prazo estipulado pela organização e o motorista aceitando a corrida decidida pela plataforma. Ao passo que na charge 9, identificamos no personagem do trabalhador uberizado “numa corda bamba” tentando se equilibrar diante ao cenário permeado de riscos que se encontra. É neste sentido que os autores, André, Silva e Nascimento (2019) relatam também que os riscos e as despesas das atividades estão sob o trabalhador uberizado. Por isso, Casagrande, Zamora e Oviedo (2021, p. 15) afirmam que a uberização é um trabalho precarizado. Os autores relatam o motorista de aplicativo como trabalhador precário e que possui flexibilidade quanto ao tempo dedicado às atividades laborais.

E, esta definição de trabalhador elaborada por Casagrande, Zamora e Oviedo (2021) não limita-se aos trabalhadores de plataforma. Isso fica evidenciado quando a charge 10 visualizamos diversos personagens que representam a nós, trabalhadores, dos mais diversos segmentos, carregando a bolsa (bag) típica dos trabalhadores uberizados, transmitindo a intencionalidade a qual o formato de trabalho uberizado alcançou outras profissões como a docência, por exemplo (VENCO, 2019; OLIVEIRA; DEL PINO; ACCORSSI, 2021). Ressaltamos que não é próprio e responsabilidade inicial da inovação



RELISE

78

tecnológica presente na Uber a precarização do trabalhador uberizado, mas a intencionalidade com a qual é mobilizada e o como ela acontece que torna responsável as organizações no como e porque utilizam.



RELISE

Quadro 2 - Análise Sociológica Discursivo- Imagética das Charges Seleccionadas

Preparação da análise da imagem em si	Estilos Discursivo-Imagéticos	Posicionamento Discursivo-Imagético	Configurações Narrativas Discursivo-Imagéticas	Espaços Semânticos Discursivo-Imagético
<p>A charge 1 apresenta elementos imagéticos da parte interna do veículo de trabalho com a representação de uma motorista no banco da frente e um passageiro no banco de trás. A mão esquerda do motorista está acorrentada no ponto de controle de marcha do veículo. Como elemento verbal, existe a frase escrita no papel embrulho do doce que é utilizado como cortesia aos clientes. A frase faz uma analogia às condições de trabalho oferecidas aos motoristas do aplicativo e a condição de trabalho escravo.</p>	<p>A expressividade da charge está na tentativa de relacionar as novas formas de trabalho, mediante o avanço tecnológico e a precarização das condições de trabalho, como forma de exploração análoga ao trabalho escravo. A charge tem sua produção e circulação em veículo de jornal na internet. A mensagem crítica reforçada na charge é aludida ao movimento contra as recentes reformas nas leis trabalhistas.</p>	<p>A charge tem sua geração e disseminação via internet atinente à crítica das mudanças nas novas formas de configuração do trabalho. A charge se posiciona como meio de ilustrar e conscientizar o público do jornal sobre o trabalho uberizado e seus possíveis malefícios. De certa forma, a charge fornece intenções que acarretam reflexões sobre até que ponto a inovação impactou no modo em que o trabalho tem se configurado.</p>	<p>A charge posiciona o trabalho de motorista em condições de sustento simbólico e material para a exploração de trabalho escravo. O traço visual da algema no braço da motorista realça a mensagem discursiva na charge, reforçando as tensões de subordinação entre o trabalho, trabalhador e a venda da sua força de trabalho. A narrativa repassada denota a precarização do trabalho como discurso crítico das configurações trabalhistas que atingem níveis de exploração do capital-trabalho.</p>	<p>Com ampla circulação em meios digitais, a charge atinge o público atinente à temática de transformação das relações de trabalho frente à influência tecnológica. A composição material da charge tem o intuito de ambientalizar a configuração de trabalhadores em aplicativos de transportes, provocando analogias com o trabalho escravo.</p>



RELISE

Quadro 2 - Análise Sociológica Discursivo- Imagética das Charges Seleccionadas (continuação)

Preparação da análise da imagem em si	Estilos Discursivo-Imagéticos	Posicionamento Discursivo-Imagético	Configurações Narrativas Discursivo-Imagéticas	Espaços Semânticos Discursivo-Imagético
<p>A charge 2 apresenta elementos de um veículo sendo conduzido por um motorista e em cima da condução está um senhor sentado numa poltrona de maneira confortável e fumando charuto. Existe a apresentação antagônica e hierárquica entre empregador-patrão <i>versus</i> trabalhador.</p>	<p>A crítica repassada na charge 2 está aludida ao discurso de hierarquia que existe entre empregador e empregado, apesar da percepção discursiva comum que tenta insinuar a diluição de existência dessa hierarquia na relação de trabalho nos moldes da uberização. A charge tem sua produção e circulação num veículo jornalístico crítico às mudanças que ocorrem nas relações trabalhistas.</p>	<p>O meio de circulação da charge na internet como conscientização do público sobre as mudanças nas leis trabalhistas. A charge tenta mostrar que apesar das novas configurações de trabalho, a relação empregador-patrão e trabalhador continua. Essa hierarquia é evidenciada na charge quando o empregador assume a figura do patrão sobre o veículo conduzido pelo motorista/empregado/trabalhador.</p>	<p>A narrativa explorada na charge denota como a relação de empregador e empregado ainda persiste. O posicionamento da imagem do empregador/patrão sobre o veículo do motorista/empregado é uma ilustração de poder e controle existente mesmo nas novas configurações de trabalho via uberização que prometeu a diluição de tais fronteiras.</p>	<p>A provocação central é mostrar a permanência da relação empregador-patrão <i>versus</i> trabalhador na conjuntura capital <i>versus</i> mão de obra. É um espaço discursivo que antagoniza a autonomia do trabalhador uberizado e a sua condição de subordinação;</p>



RELISE

Quadro 2 - Análise Sociológica Discursivo- Imagética das Charges Seleccionadas (continuação)

Preparação da análise da imagem em si	Estilos Discursivo-Imagéticos	Posicionamento Discursivo-Imagético	Configurações Narrativas Discursivo-Imagéticas	Espaços Semânticos Discursivo-Imagético
<p>A charge 3 apresenta elementos imagéticos de um trabalhador que faz uso da bicicleta para entregar pedidos via delivery de empresas que vendem alimentos. Marcas importantes de empresas são demonstradas nas bolsas carregadas pelo trabalhador. Há uma carroça sendo puxada pelo trabalhador sobre a bicicleta, levando uma figura autoritária representada por um homem mais velho. Ainda há uma representação de figura suástica nazista atrás da carroça. Como elemento verbal, existe uma provocação ao discurso de empreendedor vinculado ao trabalho nos moldes uberizado.</p>	<p>A crítica da charge é reforçar a relação de exploração entre empregador <i>versus</i> empregado, proletário <i>versus</i> proletariado. Em suma, capital <i>versus</i> mão de obra. Em instâncias mais críticas, tal percepção usa da analogia do trabalhador a um cavalo que puxa a carroça, levando a figura do patrão retratada como explorador. A charge tem sua circulação em um blog na <i>internet</i> no qual há crítica sobre as novas relações de trabalho.</p>	<p>A circulação da charge está vinculada a um blog na internet crítico das recentes reformas nas leis trabalhistas, tendo como veículo de conscientização do público. A charge evidencia a relação hierárquica ainda existente nas leis trabalhistas, e faz uma forte crítica ao discurso de empreendedor.</p>	<p>A narrativa central da charge é criticar o discurso de empreendedor atrelados às novas formas de relações de trabalho. Essa percepção de discurso é forte quando atrelado a ideia de autonomia nos horários em que o trabalho é flexibilizado a demanda do capital. A charge tenta esvaziar o discurso de empreendedorismo, mostrando que a relação entre empregador e trabalhador permanece.</p>	<p>A figura de autoridade repassada pela figura do senhor sobre a carroça reforça a hierarquia nas relações de trabalho frente à condição do trabalhador na bicicleta. O discurso de empreendedor é ironizado via a crítica na charge.</p>



RELISE

Quadro 2 - Análise Sociológica Discursivo- Imagética das Charges Seleccionadas (continuação)

Preparação da análise da imagem em si	Estilos Discursivo-Imagéticos	Posicionamento Discursivo-Imagético	Configurações Narrativas Discursivo-Imagéticas	Espaços Semânticos Discursivo-Imagético
<p>A charge 4 apresenta o trabalhador sobrecarregado de entregas para serem realizadas. Os instrumentos de trabalho mostrados são as bolsas de suporte para carregar as mercadorias, e também a bicicleta como meio de locomoção. A imagem apresenta um trabalhador sobrecarregado com as entregas dos produtos realizadas porta-a-porta dos clientes. Os traços expressivos do trabalhador demonstram a preocupação de realizar o trabalho. Como elemento verbal escrito próximo à porta, existe uma crítica afirmativa que tenta mostrar como as relações de trabalho se transformaram a partir de 2019.</p>	<p>A representação de elementos da charge expõe o esforço do trabalhador na urgência de realização do trabalho, evidenciando as condições materiais de realização das atividades de trabalho bastante precárias. A charge tem circulação via internet atinente às críticas da reforma trabalhistas. O período de criação da charge foi no bojo das recentes mudanças das leis trabalhistas no Brasil, em um contexto de discussão política sobre a reforma.</p>	<p>A circulação da charge está vinculada à mídia digital que discute o “Brasil de fato” a partir de uma perspectiva crítica. O posicionamento discursivo da charge evidencia a precarização e os malefícios das novas configurações de trabalho. Isso inclui a sobrecarga de trabalho e a precária condição material para a sua realização.</p>	<p>A narrativa repassada na charge demonstra como a sobrecarga de trabalho está prejudicando a condição do trabalhador, denotando uma condição de trabalho precário física e material. Logo, a charge buscou mostrar que as novas mudanças nas leis trabalhistas agravaram as condições de execução do trabalho.</p>	<p>A força discursiva da charge está na ação de relacionar a uberização das relações de trabalho a partir da flexibilização das leis trabalhistas com a diluição das condições materiais para execução do trabalho. Assim, é intensificada a precarização da condição do trabalhador.</p>



RELISE

Quadro 2 - Análise Sociológica Discursivo- Imagética das Charges Seleccionadas (continuação)

Preparação da análise da imagem em si	Estilos Discursivo-Imagéticos	Posicionamento Discursivo-Imagético	Configurações Narrativas Discursivo-Imagéticas	Espaços Semânticos Discursivo-Imagético
<p>A charge 5 expõe uma relação entre elementos verbais e não verbais para o entendimento da crítica. O título da charge é irônico à construção imagética apresentada. Dois trabalhadores são caracterizados como entregadores de produtos que carregam nas bolsas sobre as bicicletas. Os elementos discursos de liberdade e empreendedorismo são questionados mediante precarização das condições do trabalho.</p>	<p>A crítica da charge é expor o discurso de empreendedor atrelado às mudanças na legislação trabalhista, questionando tal condição empreendedora dos trabalhadores frente à uberização das configurações de trabalho. A charge circula na internet em um blog.</p>	<p>A charge é um contraponto crítico ao discurso de empreendedorismo por conta própria diante da flexibilização e precarização do trabalho. A circulação da charge via internet tem a pretensão de alerta e conscientização das mudanças trabalhistas.</p>	<p>A narrativa da charge confronta o trabalho na condição de flexibilização e o discurso de empreendedor atrelado à configuração do trabalho uberizado. A percepção discursiva de “próprio patrão” é criticada e vista como um discurso vazio que não evidencia a real condição do trabalhador em constante precarização.</p>	<p>O discurso de empreendedor é criticado na charge. Mostrar o distanciamento do discurso para a prática diária dos trabalhadores é o posicionamento da charge. Na prática, a charge mostra a precária condição material e psicológica dos trabalhadores com jornadas longas de trabalho. O contraponto crítico é expor tal condição de precariedade.</p>



RELISE

Quadro 2 - Análise Sociológica Discursivo- Imagética das Charges Seleccionadas (continuação)

Preparação da análise da imagem em si	Estilos Discursivo-Imagéticos	Posicionamento Discursivo-Imagético	Configurações Narrativas Discursivo-Imagéticas	Espaços Semânticos Discursivo-Imagético
<p>A charge 6 apresenta três personagens que representam uma família. Os três estão numa bicicleta compartilhada na seguinte sequência: o pai na frente, ao meio a criança na figura do filho e por fim, a personagem da mãe. A charge a partir do elemento verbal revela seu posicionamento crítico ao dizer que: “aumenta o trabalho informal”. Nota-se também a relação entre trabalho informal em relação à uberização que não é regularizada, mas também ao trabalho infantil e numa última camada como todas naquela família estão num contexto de vulnerabilidade social. A charge dialoga com o objetivo da pesquisa ao posicionar que a uberização enquadra-se no trabalho informal. Os personagens têm traços que apontam certo desgaste e cansaço e se relacionam com as extensivas horas de trabalho que muitos ciclistas/motoristas de plataformas de entrega precisam realizar com o intuito de alcançarem uma renda mínima viável e carregam nas costas as ecobags de entregadores/as de delivery.</p>	<p>A charge foi produzida para criticar o aumento do trabalho informal e que como esse aumento se configura no trabalho de entrega em delivery apontando para essa forma de trabalho como a que mais recebe trabalhadores/as desempregados/as. A charge foi produzida num contexto social no qual no ano de 2021 temos 14,4 milhões de desempregados. A charge circula nas redes sociais.</p>	<p>A charge é uma crítica ao aumento do trabalho informal e da “uberização”. E, como este trabalho informal pode acabar por ser a única fonte de renda ou a principal de toda uma família. Além disso, por ser um trabalho informal está sujeito a outras irregularidades, tais como, o trabalho infantil e o excesso de jornada. A intencionalidade da charge é visibilizar esse contexto social, e não deixa dúvidas sobre o posicionamento político de quem a idealizou e do espaço que a veiculou</p>	<p>A charge trata do trabalho informal, das irregularidades e sujeições a que estes/as trabalhadores/as estão sujeitos e como a uberização se apresenta como a principal forma de trabalho informal.</p>	<p>A charge faz uma crítica ao aumento do trabalho informal por meio da uberização do trabalho. Para representar tal crítica trazem uma família (pai, mãe e filho) trabalhando com entregas. A criança ali somada ao elemento verbal sintetiza a ideia da charge. A charge está em site e redes sociais.</p>



RELISE

Quadro 2 - Análise Sociológica Discursivo- Imagética das Charges Seleccionadas (continuação)

Preparação da análise da imagem em si	Estilos Discursivo-Imagéticos	Posicionamento Discursivo-Imagético	Configurações Narrativas Discursivo-Imagéticas	Espaços Semânticos Discursivo-Imagético
<p>Na charge 7 existem elementos verbais e não verbais. Os três personagens estão com o celular nas mãos, inclinados olhando em sua direção e suados, literalmente pingando de suor. No entanto, um personagem é o motorista do aplicativo uber e no carro tem uma placa sinalizando diferentemente de como acontece na realidade. O outro personagem trata de entregador de bicicleta com ecobag nas costas e o outro um personagem identificado como educador físico que leva nas costas uma bolsa repleta de pesos e o elemento verbal que diz: “Brasil em movimento”. O cenário se passa na área urbana. A charge dialoga com o objetivo do texto ao mostrar por meio do objeto do celular como o aplicativo controla a direção e o foco dos entregadores vinculados.</p>	<p>A charge foi produzida em 2019, antes da pandemia do covid-19, mas o momento no qual a discussão da uberização alcançava mais espaços nas pautas jornalísticas, por exemplo. A charge é vinculada no meio digital.</p>	<p>São trabalhadores expostos entregadores da Uber. A charge faz questão de direcionar sua crítica à empresa mais popular dentre o segmento. A intencionalidade foi a de retratar as condições de trabalho, a exaustão por meio dos traços faciais e dos pingos de suor caindo e acaba por revelar também quem comanda e orienta os trabalhos na figura do celular e da cabeça dos personagens envergados.</p>	<p>A charge trata da maneira que se dá o trabalho da uberização. Os olhos vidrados no celular passam a ideia de que estão numa corrida contra o tempo ou para chegar a tempo. E, no sentido de que o comando para entrega ou corrida não cessam.</p>	<p>A charge é veiculada por meio online e transmite uma crítica à maneira como o trabalhador está “preso” ao aplicativo e o quanto isso é desgastante.</p>



RELISE

Quadro 2 - Análise Sociológica Discursivo- Imagética das Charges Seleccionadas (continuação)

Preparação da análise da imagem em si	Estilos Discursivo-Imagéticos	Posicionamento Discursivo-Imagético	Configurações Narrativas Discursivo-Imagéticas	Espaços Semânticos Discursivo-Imagético
<p>A charge 8 traz elementos verbais que deixam nítido o posicionamento crítico que a charge busca trazer em relação ao que é empreendedorismo e o que é trabalho precarizado. O título da charge é: “os empreendedores”. E, apresenta o diálogo entre dois personagens que representam o papel do entregador e o do consumidor. A charge dialoga com o objetivo da pesquisa quando pontua que o trabalho da uberização se dá no modo da precarização com vestes de empreendedorismo. Além disso, a charge é de um momento no qual os trabalhadores uberizados começam a se articularem em prol de reivindicações trabalhistas.</p>	<p>A charge foi produzida no momento de tensão entre a greve realizada pelos entregadores em relação às plataformas, mas na qual o tensionamento se dá na relação com o consumidor que no diálogo da charge estranha o fato de “empreendedor” fazer greve.</p>	<p>A intencionalidade por trás da crítica da charge é desnudar a falácia do empreendedor de si próprio quando se fala de entregadores de aplicativo ou motoristas. A charge acaba por englobar dois pontos de vista sobre a mesma situação e que são narrativas em disputas na sociedade. Ou seja, representado pelo personagem do consumidor aquele que não vê motivos para greve e que enxerga neste trabalho uma forma de empreender e na figura da entregadora que vivencia a realidade do trabalho precarizado e sem seguranças e garantias.</p>	<p>Trata do discurso do empreendedorismo, seja ele por necessidade ou não como rótulo para formas de trabalho precarizado. A charge também entrega o conflito e tensão nessa relação de quem vende trabalho precarizado como oportunidade para negócios.</p>	<p>A charge é transmitida no meio online. A imagem transmite uma crítica ao empreendedorismo e revela também as discussões que se estabelecem na sociedade e que estão em disputa.</p>



RELISE

Quadro 2 - Análise Sociológica Discursivo- Imagética das Charges Seleccionadas (continuação)

Preparação da análise da imagem em si	Estilos Discursivo-Imagéticos	Posicionamento Discursivo-Imagético	Configurações Narrativas Discursivo-Imagéticas	Espaços Semânticos Discursivo-Imagético
<p>A charge 9 traz o personagem do entregador em uma bicicleta com ecobag se equilibrando numa corda bamba no que parece ser uma sela abaixo dele. A charge traz consigo uma crítica aos malabarismos que os entregadores de aplicativo precisam fazer e os riscos inerentes à atividade da qual não possuem garantias. E, em diálogo com o objetivo do texto, aponta para as fragilidades enfrentadas na uberização do trabalho.</p>	<p>A charge está dentro do contexto de discussão sobre os riscos da atividade do trabalho uberizado e como esses riscos ficam a cargo do próprio trabalhador.</p>	<p>A intencionalidade por trás da charge é criticar a fragilidade e risco em que se encontram os trabalhadores.</p>	<p>A narrativa da charge se dá sem elementos verbais, mas entrega a intencionalidade de visibilizar o quão frágil de seguridade se encontra o trabalhador.</p>	<p>A charge circula no meio on-line e transmite a crítica de como todos os ônus do trabalho estão sob o trabalhador.</p>
<p>Na charge 10 existem diversos personagens no que parece ser um centro de uma grande cidade, todos andando em direção ao seu trabalho e carregando um bag nas costas. Esse aspecto dialoga com a discussão sobre a uberização das profissões que alcançaram outras profissões, a exemplo da docência.</p>	<p>A charge foi produzida no contexto de reflexão sobre os impactos da uberização no mundo trabalho.</p>	<p>A intencionalidade por trás da charge mostra como a uberização não se limita apenas aos entregadores e motoristas de aplicativo e que a fragilização desta forma de trabalho precário pode atingir outros modelos e formas de trabalho.</p>	<p>A charge trata da expansão da uberização para outras formas de trabalho trazendo a crítica de como isso pode atingir o mundo do trabalho.</p>	<p>A charge está no meio online e transmite a ideia de como a uberização “veio para ficar” ao trazer diversos personagens com vestimentas de várias profissões, todas com a bag dos entregadores de aplicativo.</p>

Fonte: Elaborado pelos autores (2021).



RELISE

REFLEXÕES FINAIS

Discutimos neste artigo a relação entre a inovação tecnológica e a precarização do trabalho a partir do fenômeno da uberização materializado em dez charges. A nossa intencionalidade ao discutir sobre isso foi: 1) olhar para um serviço tão presente em nosso cotidiano, como as entregas por aplicativo e o serviço de transporte da Uber, a partir de outro elemento também comum a nós que são as charges; 2) buscar compreender em que aspecto o cenário do trabalho uberizado é influenciado pela inovação tecnológica e 3) como a precarização e flexibilização do trabalho está relacionado também ao discurso neoliberal e do empreendedorismo. Assim, reunimos esforços para analisarmos charges, que são a princípio uma linguagem crítica e reflexiva, com qual intencionalidades tratavam sobre a uberização.

Observamos, então, através da análise sociológica discursivo-imagética que as charges podem ser compreendidas sob a ótica das mudanças nas relações de trabalho e como o discurso de empreendedorismo é estimulado mediante o fenômeno da uberização e de como a uberização configura a precarização das relações de trabalho e abre precedentes para reconfigurar o mercado trabalhista.

Neste sentido, buscamos evidenciar como as charges intencionam apontar para o discurso neoliberal e do empreendedorismo como parte também responsável pela precarização e flexibilização do trabalho, bem como, a uberização torna-se simbólica para refletir as fragilidades e inseguranças nas quais os trabalhadores uberizados estão submetidos. Para além do trabalhador uberizado dos aplicativos, visto que observamos cada vez mais outros setores do mundo do trabalho também regidos pela lógica da uberização, na qual, recai sobre o trabalhador os riscos e despesas das atividades.

Por isso, sugerimos como reflexões futuras que pensemos: (1) como a uberização do trabalho chega em outros setores? (2) Quais as semelhanças e



RELISE

89

diferenças para o trabalhador uberizados dos aplicativos e estes novos? (3) Como a uberização do trabalho para além dos aplicativos pode impactar o mundo do trabalho? (4) Como a uberização do trabalho pode vir a ser a forma estrutural de relação de trabalhos e quais são as consequências disso? Nossa intenção não é a de encerrar a discussão, mas possibilitar novas ferramentas e leituras sobre o fenômeno da uberização.

REFERÊNCIAS

ABILIO, Ludmila Costhek. Uberização: Do empreendedorismo para o autogerenciamento subordinado. **Psicoperspectivas**, v. 18, n. 3, p. 41-51, 2019.

ALVES, M. A; TAVARES, M. A. **A dupla face da informalidade do trabalho: “autonomia” ou precarização**. In: Ricardo Antunes (org). Riqueza e Miséria do Trabalho no Brasil. São Paulo, SP. Boitempo, 2006.

ANDRÉ, R. G.; SILVA, R. O.; NASCIMENTO, R. P. “Precário não é, mas eu acho que é escravo”: Análise do Trabalho dos Motoristas da Uber sob o Enfoque da Precarização. **Revista Eletrônica de Ciência Administrativa**, v.18 n.1 p. 7- 34, 2019.

ANTUNES, R. Os modos de ser da informalidade: rumo a uma nova era de precarização estrutural do trabalho? **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, n. 107, p. 405-419, 2011.

CASTRO, C. M. **A prática da pesquisa**. 2 ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2006.

CASAGRANDE, Lucas; ZAMORA, Martín AM; OVIEDO, Carlos FT. Motorista de Uber não é empreendedor. **RAM. Revista de Administração Mackenzie**, v. 22, 2021.

DOUGHERTY, D. **Innovation in the practice perspective**. In: BATHELT, H. *et al*. The Elgar companion to innovation and knowledge creation. 1. ed. Cheltenham, Northampton, MA: Edward Elgar Publishing, 2017. Cap. 9, p. 138-151.



RELISE

90

DRUCK, G. Flexibilização e precarização: formas contemporâneas de dominação do trabalho. **Caderno CRH**, v. 15, n. 37, p 11-22, 2002.

FRANCO, David Silva; FERRAZ, Deise Luiza da Silva. Uberização do trabalho e acumulação capitalista. *Cad. EBAPE.BR*, v. 17, Edição Especial, Rio de Janeiro, nov. 2019.

FIRMINO, R.; CARDOSO, B. A uberização da Uber. **Revista Le Monde Diplomatique Brasil**, n. 130, maio, 2018. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/a-uberizacao-da-uber/>. Acesso em: 1 out. 2021.

FONTES, Virgínia. Capitalismo em tempos de uberização: do emprego ao trabalho. **Marx e o Marxismo-Revista do NIEP-Marx**, v. 5, n. 8, p. 45-67, 2017.

GODOI, Christiane Kleinübing; UCHÔA, Antônio Giovanni Figliuolo. Metodologia de Análise Sociológica Discursivo-imagética: possibilidades aos estudos organizacionais. **Organizações & Sociedade**, v. 26, p. 776-794, 2019.

GODIN, Benoît. A conceptual history of innovation. In: **The Elgar Companion to Innovation and Knowledge Creation**. Edward Elgar Publishing, 2017.

GLÜCKLER, J. BATHELT, H. **Institutional context and innovation**. In: BATHELT, H. *et al.* The Elgar companion to innovation and knowledge creation. 1. ed. Cheltenham, Northampton, MA: Edward Elgar Publishing, 2017. Cap. 8, p. 121-137.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Desemprego**. (2021). Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/explica/desemprego.php>>. Acesso em: 17 out. 2021.

KRAMER, J. C. **A economia compartilhada e a uberização do trabalho: utopias do nosso tempo?** Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil, 2017.

LAZZARESCHI, N. Flexibilização, desregulamentação e precarização das relações de trabalho: uma distinção necessária. **Revista Labor**, v.1 n.13, p. 63-82, 2015.

LE MASSON, P., HATCHUEL, A., & WEIL, B. **Design theories, creativity and innovation**. In: The Elgar Companion to Innovation and Knowledge Creation, p.275, 2017.



RELISE

LINHART, D. Um assalariado sem submissão é possível. **Revista Le Monde Diplomatique Brasil**, n. 120, setembro, 2017. Disponível em: <<https://diplomatique.org.br/um-assalariado-sem-submissao-e-possivel/>>.

Acesso em: 1 out. 2021.

LUCENA, G. **Charge sobre precarização do trabalho**. Disponível em: <http://picdeer.com/media/2087254814376069982_7961926736> Acesso em: 28 de julho, 2019.

MENDONÇA, J. R. C.; BARBOSA, M. L. A.; DURÃO, A. F. **Fotografias Como um Recurso de Pesquisa em Marketing**: o Uso de Métodos Visuais no Estudo de Organizações de Serviços. *RAC*, v. 11, n. 3, p. 57-81, Jul./Set. 2007.

OLIVEIRA, J. H. F.; DEL PINO, M. A. B.; ACCORSSI, A. A precarização do trabalho ao seu encaixo: o futuro da docência nas plataformas digitais. <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.2356>

PRATT, Andy C. Innovation and the cultural economy. In: **The Elgar companion to innovation and knowledge creation**. Edward Elgar Publishing, 2017.

PAIVA, M. S. et al. Inovação e os efeitos sobre a dinâmica de mercado: uma síntese teórica de Smith e Schumpeter. In: **Interações**, v. 19, n. 1, p. 155-170, jan./mar. 2018.

PLONSKI, Guilherme Ary. Bases para um movimento pela inovação tecnológica no Brasil. **São Paulo em perspectiva**, v. 19, p. 25-33, 2005.

SCHUMPETER, J. A. **The theory of economic development**. Cambridge: Harvard University, 1957.

SOUZA, Euzébio Jorge Silveira; MEINBERG, Marcio Ortiz. A “uberização” e o aprofundamento da flexibilização do trabalho. **Princípios**, v. 1, n. 159, p. 107-125, 2020.

TEIXEIRA, V. **Charge sobre uberização do trabalho**. Disponível em: <<https://i1.wp.com/www.humorpolitico.com.br/wp-content/uploads/2019/04/Autonomos.jpg?resize=768%2C630&ssl=1>> Acesso em: 28 de maio, 2019.



RELISE

92

VIANNA, F. R. P. M.; MOURA E. T. S. de S.; CALDERARI E. B. Crowdsourcing e Uberização: um estudo de caso sobre a startup docway. **Revista Eletrônica de Sistemas de Informação**, v. 17, n. 2, mai-ago, 2018.

VENCO, SELMA. Uberização do trabalho: um fenômeno de tipo novo entre os docentes de São Paulo, Brasil?. **Cadernos de saúde pública**, v. 35, 2019.